**REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA**
VOLUME 18, NÚMERO 53, 2021 PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.
**CÓDIGO DOI DA PUBLICAÇÃO**

# Micropolítica do fracasso

## *Micropolitics of failure*

Bibiana Munhoz Roos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
bibiana.munhoz@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8384-7095

Angélica Vier Munhoz
Universidade do Vale do Taquari - Univates
angelicavmunhoz@gmail.com
http://orcid.org/0000-0002-2644-043X

**RESUMO**

Esta escrita tem como ponto de partida encontros biografemáticos com as obras e as vidas dos literários Samuel Beckett, Manoel de Barros, Roland Barthes, Antonin Artaud e Charles Bukowski. A partir de tais encontros foram criados personagens ficcionais que têm em comum condições que os condenam ao fracasso perante o grande tribunal da razão. O que se busca, é olhar para aquilo que passa nos interstícios das existências despossuídas de seu direito de existir, produzindo assim micropolíticas, adentrando pelas entranhas e fazendo rasgar a carne dos grandes discursos que prescrevem manuais de vida. Trata-se de compreender o caráter caleidoscópico das existências e lutar por elas e com elas, ver por onde elas veem, compartilhar com elas, a mesma causa. Trata-se de tomar partido.

**Palavras-chave:** Psicologia. Existências. Biografema. Micropolítica.

**ABSTRACT**

This work has as starting point biografemáticos encounters with the works and lives of authors Samuel Beckett, Manoel de Barros, Roland Barthes, Antonin Artaud and Charles Bukowski. From such encounters were created fictional characters that have in common conditions that condemn them to failure in front of the great tribunal of reason. What is searched is to look at what passes in the interstices of dispossessed existences of their right to exist, producing micropolitics, entering the innards and tearing the flesh of the great speeches that prescribe life's guides. It is about understanding the kaleidoscopic character of existences and fighting for them and with them, seeing where they see them, sharing with them, the same cause. It is about taking sides.

**Keywords:** *Psychology. Existences. Biografema. Micropolitic*.

## Traços

"*Quando um discurso é assim lançado por sua própria força na deriva do inatual, deportado para fora de toda gregariedade, nada mais lhe resta além de ser o lugar, por exíguo que seja, de uma afirmação*".
(Roland Barthes)

Esta é uma história qualquer, de um dia qualquer, de uma vida qualquer. Trechos de uma vida e possivelmente de tantas outras vidas, sensações, vibrações, ruídos, histórias, estórias e corpos. É atravessado por estas vidas, que o corpo deste trabalho vem se construindo há algum tempo e é em meio a tais atravessamentos que ele se torna aquilo que é (ou está) hoje.

Este corpo, trabalho, pesquisa, chamemo-lo(a) como soar melhor aos ouvidos, se faz existir, impulsionado por percepções de vida, experiências e leituras. Quando um corpo nasce, nasce imerso em um contexto, mergulhado em uma cultura, sendo que esta é constituída e constituinte por discursos e ideais que prevalecem. Neste sentido, o corpo-trabalho presente, nasce imerso em uma cultura na qual predominam discursos que ditam e prescrevem o que é preciso para ser feliz, como acabar com a dor e com o sofrimento. Enaltecem assim o consumo imaterial de forças prontas, que vão de bens materiais aos psicotrópicos, que representam os modos únicos e estáticos de se existir e que fugazmente trazem a ideia de paz e felicidade.

Também faz parte do contexto do corpo-autora que aqui escreve, a experiência de estágio em Psicologia em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas, realizado durante o período de fevereiro de 2017 a novembro do ano de 2018. Durante a experiência de estágio, algumas percepções se fizeram presentes, principalmente o modo como a vivência da dor e do sofrimento é experienciada ou evitada. Através de discursos de usuários do serviço, que fazem uso abusivo e, por vezes, prejudicial, de substâncias psicoativas, percebeu-se que existe uma grande dificuldade em lidar ou mesmo em olhar para o sofrimento e mais precisamente, para o fracasso. Lugares estes, tomados como desvios e subjugados pelo tribunal da razão, não fazendo parte dos ideais de uma "vida feliz". Em muitos relatos é claramente enunciado que a droga acaba por se tornar uma fuga, uma maneira de não encarar os problemas, impasses e tristezas que atravessam a vida. Ao mesmo tempo, existe uma concepção de um modelo de vida ideal, apenas composta de momentos felizes e pacíficos. Um modelo que impõe um modo rígido e, por vezes, inalcançável de viver a vida, no qual o fracasso e o sofrimento não fazem parte. A grande questão parece ser: viver, sim, viver, dói.

Existe um tribunal da razão que legitima e julga modos de existir dominantes e exclusivos, enaltecendo padrões cujo preço para se fazer existir torna-se bastante alto. Mas há que se ter atenção, não são apenas estes os modos de vida que se fazem existir, aliás, existem tantos outros incontáveis, tantos outros movimentos, que de tão outros, produzem outras relações para com a vida. É nesse sentido que a principal questão desta pesquisa se faz emergir: quais as forças que produzem e atravessam estas vidas outras que aos olhos do tribunal da razão estão condenadas ao fracasso? O que se passa nos interstícios de tais existências, despossuídas de seu direito de existir e que fracassam repetidamente em suas tentativas de legitimar-se? Ainda que desprovidas desse direito, elas ainda assim esboçam suas existências ou resistência. Ére (existindo) com elas e por elas, escutando-as, olhando-as e até mesmo dançando com elas, que esta pesquisa se efetiva.

O fracasso é o ponto de afirmação da referida pesquisa, como um lugar que, por mais exíguo que seja, afirma a possibilidade de sentir, de experimentar e de existir, de fracassar. Toma-se aqui, a afirmação de um fracasso como impossibilidade de se fixar em uma verdade absoluta. Torna-se necessário rachá-lo, produzindo novas fissuras e outros modos de viver.

É contra a limitação de uma verdade única e os impactos que tal concepção produz, quando demarca rótulos, limita experimentações e estabelece manuais de vida, que o valor deste trabalho se faz presente. Nessa medida, compreende-se o poder que o saber psicológico produz e a possibilidade de se estar questionando concepções terapêuticas e conceitos que vêm sendo reproduzidos ao longo de invariáveis anos. Isso diz respeito não apenas ao uso de substâncias psicoativas, mas na maneira de se lidar com o sofrimento e a saúde como um todo. A Psicologia, pelo seu compromisso ético com a vida e o ser humano, pode, como afirma Lapoujade (2017), testemunhar em favor do valor das multiplicidades dos modos de existência, produzindo assim, condições para que se expressem, sem o intuito de enaltecê-los ou encaixá-los nos manuais de uma "vida feliz", mas de afirmar e potencializá-los no sentido de auxiliar a torná-los mais reais.

A testemunha nunca é neutra, pois "ela tem a responsabilidade de *fazer ver* aquilo que teve o privilégio de ver, sentir ou pensar" (LAPOUJADE, 2017, p. 17). Nessa medida, para que as existências se afirmem, elas "também têm que vencer a dúvida, o ceticismo ou a negação que contesta seu direito de existir" (LAPOUJADE, 2017, p. 23). A psicologia é convocada a contribuir no sentido de tornar perceptíveis novos seres, novas classes, até os que são invisíveis. E para isso, "é preciso purificar o campo da existência de tudo aquilo que impede de ver" (LAPOUJADE, 2017, p.48), o que implica desconstruir preconceitos, ilusões e tudo aquilo que bloqueia a percepção. Para fazer ver é preciso adentrar no ponto de vista

das coisas, pois cada modo de existência possui o seu ponto de vista e é isso que o diferencia da simples e pura existência. Para tanto, é preciso produzir micropolíticas.

Por outro viés, a Psicologia pode também, através de sua instituição de saber e poder, vir a aprisionar e aniquilar as possibilidades de multiplicidade das existências e seus modos, auxiliando assim na destituição do seu direito de existir, não apenas de forma direta, mas quando se coloca como neutra e interferente em seu posicionamento. A melhor maneira de solapar uma existência é fazer de conta que ela não tem nenhuma realidade, "nem mesmo se dar ao trabalho de negar, apenas ignorar" (LAPOUJADE, 2017, p. 91).

Não se trata de uma psicologia neutra, nem de uma psicologia que escolha algum lado para subjugar como bom ou ruim. Mas sim, uma psicologia que consiga dar conta da multiplicidade que é existência e realidade, de modo a não se colocar como indiferente. Uma Psicologia que consiga apreender os pontos de vista dos modos de existência, em seu interior e não se colocar como observadora e cair aos julgamentos do senso comum. A Psicologia é, portanto, o testemunho deste corpo-pesquisa.

## A arte de existir

Mas quais modos de existência são estes dos quais se escreve aqui? Afinal, não existe apenas um modo de se existir para tudo? Não se está falando aqui da existência humana? Como é possível que algo exista, mas que não seja real? Como pode uma existência ser anulada ou não ter o direito de existir, se ela já existe?

Convocou-se para fazer parte deste corpo-pesquisa, o filósofo francês Étienne Souriau (1892-1979), citado por David Lapoujade (2017). Para Souriau, antes mesmo de falar da filosofia da arte, é preciso falar de uma arte da filosofia. Em uma análise sobre os conceitos filosóficos de Souriau, Lapoujade (2017) compreende que para o filósofo, antes de qualquer ontologia da arte, existe uma arte da ontologia, assim como, o Ser só existe a partir das maneiras que ele se manifesta (2017, p. 14). Nesse sentido, "A arte do Ser é a variedade infinita de suas maneiras de ser ou dos modos de existência" (LAPOUJADE, 2017, p.13), e cada modo de existência é por si só, uma arte de existir.

Souriau, segundo Lapoujade (2017), acredita na pluralidade das existências e dos modos de existência. Para o filósofo, não há um único modo de existência para todos os seres que povoam o mundo e não existe um só mundo pra todos esses seres, pois o modo de existência de uma fórmula matemática não é o mesmo que de um grande personagem da literatura, por exemplo. Nessa medida, o "pluralismo existencial", do qual parte Souriau,

invoca a existência de diversos planos e mundos, de modo que a autora credita que um ser não está predestinado apenas a existir enquanto um determinado modo, como por exemplo, o físico ou o psíquico. Segundo Souriau (*apud* LAPOUJADE, 2017), dentre o ser e o nada existe uma extensão que está sempre sendo percorrida por multiplicidades, pois "um ser pode ver sua existência se duplicar, se triplicar, enfim, pode existir em vários planos distintos permanecendo numericamente um" (p. 14).

Etienne Souriau realiza algumas distinções entre tais mundos e universos que contemplam os diferentes modos de existência. Para Lapoujade (2017) essa diferenciação é estrutural e relativa "às condições pelas quais uma realidade se coloca no seu modo de existência próprio" (p.34). Nessa perspectiva, cada modo de existência ocupa e distribui-se de maneira diferente em um espaço tempo definido.

Primeiramente, Souriau trata sobre o fenômeno, que

> Tem uma maneira de se colocar ele mesmo, na sua perfeição própria, que distingue de qualquer outro modo de existência. Ele desvela uma arquitetura instantânea que lhe dá tonalidade e brilho (LAPOUJADE, 2017, p. 28).

O filósofo se utiliza de momentos de graça da natureza, que não podem ser reproduzidos ou capturados. Trata-se de nuances que despertam ruídos e sensações, mas que nada tem a ver com elas, não as carregam. O fenômeno tem em sua nuance uma alma que desperta um modo de existência próprio que não depende de sua matéria ou seu conteúdo e que logo se dissipa.

Além do universo dos fenômenos, existe o universo das coisas. Ora, mas o que é uma coisa? As coisas se manifestam tal como os fenômenos, porém não se dissipam instantes depois, as coisas persistem através de diversas manifestações. "Não somos mais levados pela variedade ambiente dos fenômenos, estamos instalados em um mundo de permanências" (LAPOUJADE, 2017, p. 30). A coisa é uma, mas manifesta sua permanência através de diferentes manifestações e aparições fenomenais. Lapoujade (2017) traz o exemplo de uma sonata: a sonata é uma coisa, mas pode ser interpretada simultaneamente em vários lugares ao menos tempo ou em lugar algum. O corpo, nesse sentido, é considerado a primeira "das coisas", ao passo que se conserva e empurra-nos ao mundo.

Para Lapoujade (2017), o psiquismo também é da ordem das coisas, pois enquanto o fenômeno deve existir em si próprio, as coisas necessitam de sistemas e ligações que possam assegurar sua estabilidade. Nesse sentido, o autor aponta que nas conceituações de

Souriau, o modo de existência do pensamento é da mesma espécie do que o das coisas, pois para ele "É preciso de um pensamento para manter a coisa na existência para além de suas manifestações fenomenais [...]" (LAPOUJADE, 2017, p. 32). O pensamento é tomado como aquilo que mantém a coisa na existência e também ligada a outras coisas. Afinal, como poderia um soneto ser recitado em alguma ocasião, sem que se soubesse o que é um soneto? Como ele funciona? Como deve ser recitado? Para quem? Com qual finalidade?

O terceiro universo do qual trata Étienne Souriau (*apud* LAPOUJADE, 2017), é o reino das ficções, ou, o imaginário. São tão frágeis, que de tão frágeis existe uma grande dificuldade em atribuir-lhes existência. São ficcionais, frágeis e inconsistentes. O que os fazem existir são as crenças e a cultura, os imaginários são os monstros do armário, é o medo do escuro, o ciúme, o medo da perda, a fantasia, o amor. Mas a fantasia pode ora tornar-se sólida, tal quanto uma coisa? Pode, porém, o que diferencia esse reino imaginário da ordem das coisas, é que ele deixa de existir se não existir uma crença que o sustente. Não teria um personagem famoso da literatura, um lugar tão garantido no mundo, quanto o corpo ou o psiquismo? A diferença é que o personagem literário só existe graças à solicitude da cultura e de quem o criou, pois, a sua existência "está ligada aos afetos que participam de sua instauração" (LAPOUJADE, 2017, p. 35).

É em seu último universo que Souriau adentra para além do domínio modal, em um domínio transmodal, isto é, para Lapoujade (2017) não se tem mais tanto o interesse de conceituar e diferenciar os diferentes modos, mas sim suas transformações. A singularidade dos virtuais é a arte de serem inacabados e imperfeitos esboços que podem nunca vir a existir. Segundo Lapoujade (2017), Souriau, ao conceituar sobre o plano virtual, abre espaço para uma nova etapa de sua filosofia, na qual os modos de existência coexistem e passam de uns aos outros. Assim, se passa de um mundo estático, que descreve e diferencia cada modo de existência, para um mundo dinâmico, onde o que importa não é diferenciar cada modo, mas sim, suas transformações seus aumentos e diminuições da realidade.

Os virtuais são privilegiados por serem os mais próximos desta passagem do modal para o transmodal, de modo que, "sua arte é suscitar ou exigir a arte [...], são os virtuais que introduzem o desejo de criação, uma vontade de arte no mundo" (LAPOUJADE, 2017, p. 38). São os germes, os mínimos, os quase inexistentes, que estão às margens do mundo e que formam nuvens virtuais das quais a realidade está inserida.

Nuvens estas que permearam o desenvolvimento desta pesquisa e também desta escrita, que tampouco estará acabada ao sucederem suas linhas finais. Assim como, os cantos dos pássaros, os ruídos, pensamentos fugidios, interrupções, dores, sensações,

sorrisos, ventos, pessoas, etc., que transpassaram esta experiência, não estarão capturados pelas linhas aqui dissertadas. Nem por isso, deixam de existir e inscrever aqui suas almas, pois "Cada existência pode tornar-se uma incitação, uma sugestão ou um germe de outra coisa, fragmento de realidade futura. Toda existência torna-se legitimamente inacabada" (LAPOUJADE, 2017, p. 39).

## Os esboços são políticos

Ao tratar de vidas e ser tecida em meio relações, culturas, dominações, moral e juízo, esta pesquisa é também política, porque "[...] antes do ser, há a política" (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.5). Toda ação humana é uma política, estando imersa em um sistema, em uma relação de saber e poder, em um campo social.

Dentre suas definições, em termos gerais, a política é caracterizada nos dicionários, pela arte de regular relações, forma de se haver em assuntos particulares a fim de se obter o que deseja. Durante muito tempo a política foi resumida na arte de um governo sobre outro, na qual a ação dos governantes incidia nas vidas alheias, sendo tomado apenas em seu âmbito opressor e coercitivo. Mas, se onde há vida, onde há ação, onde há desejo, existe poder, o poder não está só nas mãos do Estado, a política também se faz nas relações, no cotidiano. Dessa maneira, afirmar um lugar de fracasso enquanto existência possível, nada tem a ver com opor-se aos discursos dominantes como se estes regulassem as relações de poder, mas entender as linhas de força que constituem esses lugares. Trata-se de compreender, tal como traz Foucault (1979) que o poder não está concentrado nas mãos dos maiores, mas disseminado nas relações, produzindo subjetividades, imerso em um campo social.

A política pode se exercer atravessada por movimentos que só existem nos entremeios das diferenças sociais mais amplas, aqui tratadas como "molares", que se cruzam com as diferenças sociais menos amplas, "moleculares". Trata-se de compreender que não existe uma oposição entre elas e ainda que seja difícil, de mudar tal lógica "Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais, são ao mesmo tempo molares e moleculares" (ROLNIK; GUATTARI, 2013, p. 149).

A família, a igreja, a educação e diversos outros segmentos existem em campos de relação que exercem políticas molares, mais amplas e abrangentes. A sociedade vive segmentada, são homens, mulheres, crianças, adolescentes, gays, lésbicas e "ora os

diferentes segmentos remetem a diferentes indivíduos ou grupos, ora é o mesmo indivíduo ou o mesmo grupo que passa de um segmento a outro" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 77). Essa segmentaridade, de certa maneira, torna-se mais flexível, ao passo que permite existir uma multiplicidade de centros que não necessariamente precisam convergir. É também considerada mais primitiva, circular, na medida em que dá vazão para a produção de singularidades. Enquanto isso, uma segmentaridade mais linear e moderna exerce uma macropolítica na qual todos os olhos devem convergir para o mesmo lugar. A referência tende a voltar-se para o mesmo centro, o rosto do pai é também o rosto do professor, do padre, do coronel, em um nível de significância em todos os segmentos, pois "as microcabeças flexíveis, as rostificações animais são substituídas por um macro-rosto cujo centro está por toda parte e a circunferência em parte alguma" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, 80).

Nesse sentido, a questão da micropolítica é a de como um sujeito, grupo ou sociedade em si, acaba por reproduzir (ou não), os modos de subjetivação dominantes. Nessa perspectiva, uma micropolítica do fracasso compreende as linhas de força que permeiam os discursos inválidos, descartados e considerados como inexistentes. Enquanto uma macropolítica exerce julgamentos tais como bom e mal, ancorando-se em centros de referência segmentados e duros, a micropolítica irá tratar de relações mais moleculares, pois, existe algo a mais que acontece entre o bom e o mal, entre o verdadeiro e o falso. Mas ambas as linhas coexistem e dentro de toda macro-história, existe uma micro-história, algo do nível do mais insignificante, do menor, da ordem das afecções, da ordem dos processos de singularização e esta é a ordem que aqui interessa.

> Assim, por exemplo, um grupo de trabalho comunitário pode ter uma ação nitidamente emancipadora em nível molar, mas em nível molecular ter toda uma série de mecanismos de liderança falocrática reacionária etc. Isso por exemplo, pode ocorrer com a Igreja. Ou o inverso: a ação pode se mostrar reacionária conservadora em nível de estruturas visíveis de representação social, em nível de discurso tal como ele se articula em plano político, religioso, etc., ou seja, em nível molar. E ao mesmo tempo, em nível molecular, podem aparecer componentes de expressão de desejo, de expressão de singularidade, que não conduzem de maneira alguma a uma política reacionária e de conformismo (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 156).

Mais do que encontrar culpados ou julgar instituições, é necessário compreender o que se passa na ordem dos afectos e da produção do desejo. Estar alerta para não se deixar levar pela ordem de tudo aquilo que acaba por bloquear os processos de transformação do

campo subjetivo. Também para todos aqueles fatores que acabam apenas por culpabilizar sujeitos ou instituições, sem se colocar a pensar sobre os processos de subjetivação que os constituem. Trata-se de uma maneira outra de adentrar e mapear os micro-discursos que circulam entre não-ditos, todos eles guiados por códigos.

Não seria possível viver sem os centros de referência nos quais a macropolítica se ancora e nem é disso que se trata, afinal, tratando-se de um império, "como se expandiria se não vendesse a todos a promessa de uma vida invejável, segura, feliz?" (PELBART, 2009, p. 20). Mas não há de se esquecer que onde existe poder, também existe resistência (FOCAULT, 1979) e que o mesmo poder que subordina, também produz insubordinados. Onde existem as linhas molares, também existem as linhas moleculares, onde existe o império, existem também os vilarejos, lá onde o macro se faz dominante, o micro também está presente.

A questão não é a de que a micropolítica está em toda a parte, mas sim colocá-la em toda a parte, fazer entrar em tal campo no qual emerge este corpo-pesquisa, um novo tipo de pragmática. Produzir assim, uma micropolítica do fracasso envolve mergulhar no plano daqueles no qual a sociedade desacreditou ou sequer considera a existência. Isto é, um novo tipo de análise que acaba por ser um novo tipo de política, que se volta para as mutações de subjetividade em diferentes níveis micropolíticos. Nos corpos, os quais recusaram a absorção das formas de vida ofertadas e se arriscaram à possibilidade de fracassar aos olhos do mundo. Nos corpos exaustos da subordinação. Corpos estes que não estão necessariamente ligados a sujeitos, mas a modos de existência, sensações e afecções que os atravessam e que coexistem.

> E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto [...] é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte" (NEGRI, 2001, p. 54).

Sendo assim, este corpo-pesquisa está decidido: não quer expulsar o fracasso, condená-lo e muito menos o glorificar ou enobrecer. O que se deseja, desejou e seguirá se desejando é olhar para o fracasso, se aproximar dele, escutá-lo, demorar-se em suas curvas e quem sabe, tirá-lo para dançar.

## Os traços querem ser esboços

A investigação aqui realizada se (des)construiu descolada de qualquer cunho quantitativo, desinteressada quanto às quantidades e medidas. Portanto, o campo empírico da mesma, não se encontra no fora, mas no próprio corpo pesquisador que se lança como empiria e que acaba por criar para si um outro corpo que a cada linha já não é mais o mesmo.

Realizou-se uma imersão biografemáticanos autores Samuel Beckett, Manoel de Barros, Roland Barthes, Antonin Artaud e Charles Bukowski. São literários situados em território marginal pela condição de impotência dos personagens de suas obras ou mesmo suas vidas, vista de um viés macropolítico. Tais autores discorrem sobre existências em sua condição de fragilidade, na medida que estão desfiguradas, despedaçadas, tristes, esquálidas, apaixonadas, disformes, imprevisíveis, imaginárias e é daí que emana o interesse pelos mesmos.

A noção de biografema operada nesta pesquisa foi desenvolvida por Barthes (2003), tratando-se de uma anamnese factícia, isto é, daquilo que não é natural. Não se trata de resgatar a lembrança tal como ela é, até porque, tal ideia de pureza já está contaminada justamente pelo esquecimento. De acordo com Costa (2011a) o que retorna na anamnese é a própria simulação da lembrança, trazendo assim para a superfície aquilo que de fato tem relevância, "a memória como simulacro" (p. 122). Uma fabulação que não toma um modelo, um real-imaginário, mas que o inventa em uma necessidade de fazer algo com ele.

> O biografema como aquilo que se consegue ao escrever ao <do> autor o qual se lê e se ama, que leva o biógrafo a reencontrar a tenuidade da lembrança. Uma lembrança que não evoca a memória pregressa, mas que a atualiza nesses encontros entre aquele que escreve e aquele sobre o qual <apaixonante> se deixa escrever (*Idem*, p. 118).

Mais do que o simples narrar de uma vida, o biografema estabelece uma nova ordem para aquilo que a cultura vem a oferecer acerca do autor, podendo-se utilizar de livros, fotos, manuscritos, filmes e eteceteras. Tomam-se tais materiais não simplesmente com fonte de coleta de informações, mas como um "compósito de signos soltos, prontos para partilharem os rostos outros, culminando em novos jogos de mentiras e verdades" (COSTA, 2011b, p. 119).

O biógrafo é um colecionador, um apaixonado, um criador de raridades. Trata-se de uma maneira de se acessar esta coleção, de mergulhar na história e afectar-se pelos encontros com matérias e objetos, com a arte e o pensamento. Trata-se de um "deciframento

ambicioso" como traz Noronha (*apud* COSTA, 2011b, p.134), dos signos que emanam dos encontros com esta coleção *barthesiana*, *artaudiana*, *manoelana* e etc, afinal, "biografar é escrever de corpo todo para tudo o que atravessa." (COSTA, 2011b, p. 70).

Desse modo, não há nada nestas linhas que não diga sobre uma vida, na qual autora e pesquisa se misturam em um processo de composição, de decomposição, para a produção deste corpo-trabalho. Trata-se, portanto, de uma pesquisa corpo-a-corpo, encontro com escrituras e escritores, uma escrita com Barthes e não sobre Barthes, com Artaud e não sobre Artaud, com Beckett e não sobre Beckett, assim como, uma escrita que se tece com a vida da pesquisadora. Roland Barthes está aqui. Antonin Artaud está aqui. Samuel Beckett está aqui. Manoel de Barros está aqui. Charles Bukowski aqui está. Tantos outros autores estão aqui, ainda que, não mais os mesmos.

Barthes (*apud* COSTA, 2011a, p.111) em um trabalho inacabado, resgatados de seus diários, escreve: "Que bom encontrar um homem quando se esperava encontrar meramente um autor". Esta foi uma pesquisa de homens, mulheres, corpos, pedaços, restos, membros, ideias, coisas, seres, pensamentos. Isto é, uma pesquisa que não necessariamente está colada ao "eu", mas que é permeada pelas tantas existências, em seus mais diversos planos. Não existe uma autora que escreve sobre, mas um corpo atravessado por devires, que escreve sobre essa mistura e as forças que o atravessam, permeadas por encontros. Não se quer e nem se consegue fixar em identidades, porque este corpo-trabalho está sempre em transmutação.

O que construiu este corpo-pesquisa não é outra coisa, senão a sensação do que é escrito, já que não é por acaso que lemos aqueles que amamos, escrevemos aqueles que amamos.

> Eles, sobre eles e por eles. "A escrileitura não é senão uma modalidade de amor, um gesto que parte de um determinado rosto e o relança para um amor propriamente vivo, não subjetivo, no qual os espaços desconhecidos são apenas tangenciados, jamais conquistados" (COSTA, 2011b, p. 52).

Dessa maneira, há que se destacar que os encontros biografemáticos foram também encontros apaixonados. Imersões de horas, dias, semanas destinados separadamente para a vida e obra de cada literário, mapeando os modos de existência que ali povoam suas transformações, mergulhando em seus mundos. Delimitando assim corpos comuns em seus fracassos, com o intuito adentrar em seus pontos de vista.

Uma história foi contada, não em ordem cronológica, nem em ordem histórica, não se trata de relatar uma vida, um modelo de vida ou uma cura para uma vida fracassada. Mas de fazer ver tais existências e modos que se tornam mais e reais a cada linha aqui transcorrida, afirmando seu caráter inacabado e sua multiplicidade. O que por vezes é sufocado e negado, mas que aqui se assume e se afirma enquanto resto e realidade.

> [...] que pertencessem a essas milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa de cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor, que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, uma espécie de grandeza assustadora ou digna de pena. Parti em busca dessas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir (FOUCAULT, 2003, p. 16).

## Esboços quase corpos e um inventário inacabado de existências inacabadas

Sem mais demoras, delongas e anúncios, vamos à eles...

## Barthes e um corpo amoroso

O amor é para tolos?

O ser apaixonado tem sua carne exposta, suas feridas abertas, ele sente, sente muito, sente a todo momento. Ele busca a todo momento expressar esse sentimento, escreve cartas, envia mensagens, compõe poesia, mas nunca é o suficiente. Nunca é o suficiente porque o sentir do ser apaixonado não consegue ser medido, ele é sempre maior. O ser apaixonado não mede esforços, se lança de peito aberto ao seu amado e sangra. Porque amar, amar sangra.

O mundo ao seu redor já não é mais o mesmo, é tudo muito mais, muito mais leve, muito mais, muito mais alguma coisa boa que não é possível nomear. “No encontro, maravilha-me o fato de ter achado alguém que, com pinceladas sucessivas, e cada vez bem-sucedidas, sem falhas, conclui o quadro da minha fantasia” (BARTHES, 2003, p. 137). Mas eis que, ante a primeira sedução, surgem às dificuldades da relação amorosa e junto com a

paixão, o sofrimento cresce e eis que o sujeito apaixonado cava em suas feridas abertas, sendo tomado pela angústia, pelo ciúme, pela aflição.

Existe certa dificuldade em lidar com a realidade, porque o amor lhe desperta muito mais fantasia, que lhe é muito mais interessante que a realidade tal como ela está?

Seria o ser apaixonado um esquizofrênico?

> Uma força que arrasta minha linguagem em direção ao mal que posso fazer em mim mesmo: o regime motor do meu discurso é a roda livre: a linguagem vai girando sem nenhum pensamento tático da realidade. Procuro me fazer mal, expulso-me a mim mesmo do meu paraíso, empenhando-me em suscitar em mim as imagens (de ciúme, de abandono, de humilhação), que podem me ferir; e aberta a ferida, mantenho-a, alimento-a, com outras imagens, até que outro ferimento venha me provocar a diversão (BARTHES, 2003, p.111).

O desejo pela eternidade e o medo da perda, o medo de não ser o suficiente, o medo da desaprovação. Porque o ser apaixonado sente, sente muito, sente medo, sente aflição e chora. O ser apaixonado chora rios, chora lagos, chora por fora, chora por dentro, se o sentimento de plenitude e felicidade é intenso, os sentimentos de medo, raiva e aflição, são tanto quanto. É tudo é muito intenso -- Poderia o ser apaixonado ser diagnosticado com algum transtorno *Borderline*?

E quando o medo da perda se torna o real sentimento de perda, aí que o mundo parece sucumbir sobre o apaixonado. Como dói perder o ser amado, seja para a morte, seja para a vida. Os dias se estendem, o pensamento divaga em lembranças, o corpo agora mergulha em um estado nostálgico do qual se recusa sair. Aquele perfume emana de lugares inimagináveis, os rangidos do sapato, o som da gargalhada, os ínfimos movimentos passam a se engrandecer e martelar na memória. E quando o ser apaixonado não chora mais, não estremece ao entrar em contato com tais lembranças, quando já não tem mais medo da perda, aí que se faz o luto.

Desejo aceitar?

## Manoel de Barros e um corpo ignorante

O corpo ignorante será aqui tratado pelo nome de Bernardo.

Muitos acreditam que Bernardo é criança, mas em verdade, não se sabe bem ao certo qual a sua idade e, pouco importa, Bernardo tem aversão a “certos”. Bernardo gosta muito de estudar, tem paixão pelos livros e principalmente pela observação, passa horas e horas

de seu dia estudando, inclusive, ele é Mestre e Doutor. Mestre na arte de inventar objetos e Doutor das formigas, seu professor preferido são as plantas, Bernardo aprende com o corpo.

Bernardo adora pescar, adora ver como os rios flutuam à beira dos peixes. Bernardo não frequentou a escola, pois a escola não se adaptou a Bernardo. A sua professora tinha uma tatuagem de borboleta no ombro e a única coisa que retinha a atenção de Bernardo era aquela borboleta, como era linda! Nas aulas de matemática ele costumava não realizar todos os cálculos por achar muito mais interessante transformar o número dois em um cisne, ou um número quatro em uma espaçosa casa. Bernardo não entendia como eles poderiam estudar a fórmula de Bhaskara e não estudar quanto tempo uma lesma demora para percorrer um quilômetro. Ou ainda, como as folhas da árvore sabem que tem que cair no outono, ou como o odor das lagartixas pode ser verde, ou como as andorinhas sabem pra onde voltar, ou…

Um dia o menino ouviu a professora dizer para sua mãe que Bernardo era hiperativo e como ele não conhecia essa palavra, perguntou aos seus colegas o que era essa coisa de hiperativo e eles exclamaram “Bernardo, você não é normal!”. Ele ficou tão, mas tão feliz, que chorou. Disse para todos que a partir de agora ele deveria ser chamado de “Hiperbernardo”, imagine só, um elogio desses não deve ficar mantido em segredo. Além disso, diversos outros elogios eram feitos pelos seus colegas como “bocó”, ignorante e cabeça de vento. A professora mandava que a turma parasse de elogiá-lo, ele nunca entendeu a atitude da professora, mas acreditava que poderia ser inveja, porque afinal, Bernardo era “hiperativo”.

Na verdade, Bernardo nunca entendeu porque sua mãe o tirou da escola, afinal, ele teve o privilégio de repetir três vezes o mesmo ano. Três vezes! Imagine só, amigos novos todo o ano, poder estudar a mesma coisa de maneiras diferentes e receber a maioria de suas avaliações coloridas em vermelho! Ele costumava dizer que “repetir é um dom de estilo” (BARROS, 2010, p. 300). Alguns de seus colegas o chamavam de ignorante, ele não conhecia essa palavra, então foi pesquisar no dicionário e lá constava a palavra ignorância como algo relacionado à falta de saber. O menino novamente entrou em êxtase com tal elogio.

Apesar de Bernardo não entender o porquê de a mãe tirá-lo da escola, dizia que estava tudo bem, pois ele nem gostava muito de entendimentos, ele costumava dizer que entender era para paredes e ele gostava muito mais das árvores. Por isso, Bernardo acabara gostando muito mais de estudar no sítio onde morava no meio do mato, do que na caixa de quatro paredes, costumava dizer que “o chão é um ensino” (BARROS, 2010, p.184). O que vive no chão, no rio, ou em cima das árvores, ele poderia tocar, cheirar e sentir poderia

aprender incorporando. Bernardo gostava de aprender por livros, mas muito mais, por incorporações, afinal como poderia aprender sobre uma coisa de outra maneira que não sendo esta coisa?

Os dias passavam voando, Bernardo costumava ficar horas e horas deitado no chão, observando as formigas (foi muito suado seu título de Doutor). Gostava das miudezas do chão, gostava de inventar nomes para as coisas e depois (des)inventá-las, (re)criando sentidos. Observava as pessoas passando pela janela, "enquanto uns discutiam, outros iam tratar da vida, isto é: iam jogar peteca" (BARROS, 2010, p. 46). Tinha amor pela observação das pessoas, acreditava que a sabedoria, que sabia que nunca teria, estava muito mais nas pessoas e nas coisas do que nos livros. Para o menino, sábios são aqueles que detêm informações, sábios são os que adivinham, e "quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: *divinare"* (BARROS, 2010, p. 341).

Bernardo era feito de encantamentos. De restos. Desimportâncias. Insignificâncias. Resignificâncias. Bernardo era feito da matéria da cri(ação) e em sua matéria, ele era (hiper)ativo. Ah, o quão tolo era Bernardo! (que teria se emocionado com tal elogio se o estivesse lendo).

## Artaud e um corpo desfigurado

Van Gogh: um louco! Cortou a própria orelha, um louco! Assou a própria mão, um louco! Quem corta a própria orelha? A orelha que está integrada ao ouvido que foi feito para escutar. Quem corta a própria orelha? Quem assa a própria mão, a mão não pode ser assada, ela é uma parte do corpo! O que faria o corpo sem uma mão? Um homem é um homem sem uma orelha? O corpo não está completo. A função útil do corpo terá seu rendimento decrescido. Por que cortar a própria orelha?

Van Gogh não fora reconhecido em sua época (assim como tantos outros), suas pinturas atormentavam a burguesia do Segundo Império. Suas pinturas atacavam mais do que os costumes, atacavam as instituições. A psiquiatria com seu tesão ante a lucidez ativa de Van Gogh, o declara como louco. Artaud (1983), ainda que fosse considerado mais louco que Van Gogh, por entender que o pintor não era louco, declara: "Não, Van Gogh não estava louco, mas suas telas eram jorros de substância incendiária, bombas atômicas cujo ângulo de visão, ao contrário de toda a pintura com prestígio na sua época [...]" (p. 133).

Van Gogh não se suicidou, a sociedade o suicidou. A sociedade inoculou seu corpo, a sociedade, a tal sociedade santificada e consagrada, o possuiu com seus ritos que

sucumbem, "pois, está na lógica anatômica do homem moderno nunca ter podido viver, nunca ter podido pensar em viver a não ser como possuído" (ARTAUD, 1983, p. 135). Possuíram-lhe a orelha tal como possuíram-lhe a mão. Possuíram-lhe as vísceras. Possuíram-lhe o corpo. Possuíram-lhe a vida.

Onde está a liberdade? No desvencilhar-se dos órgãos que prendem, que sufocam. A liberdade está no avesso. Temos que desnudar o corpo, "[...] temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que corrói mortalmente, deus e juntamente com deus os seus órgãos" (*Idem*, p. 161).

## Beckett e um corpo inominável

"*O essencial é que nunca chego a parte alguma, que nunca estou em parte alguma, nem onde Mahood está, nem onde Worm está, nem onde estou pouco importa graças a isenção.*"
(Samuel Beckett)

O que quer que tenha que dizer
Não diga.
As palavras, esgotam.
Os sentidos, nauseiam.
O eu já não existe
e ainda assim, jamais me calarei.
Não, eles não me possuem.
Eles jamais me possuirão.
Ainda que dilacerado
Ainda que sangrando
Ainda que putrificando.
Cada um para si
Escuto todos
O restante partiu
O restante está partido
Perdido em suas prisões
Perdido em minha sala de visitas.
Quem é que fala assim?

Quem é que fala como se tivesse uma voz?

Da onde fala?

Dizem que sou eu

Bobagem!

A voz não quer estar em lugar algum.

Nada acontece.

## Bukowski e um corpo velho, bêbado e safado

Ela a convidou para tomar um café, ela aceitou. Suas bocas balbuciavam assuntos banais enquanto seus olhares se atravessavam comunicando-se em outro plano, seus corpos conversavam mais do que as palavras proferidas. Manter a suavidade da conversa tornava-se cada vez mais difícil ao passo que seus corpos gritavam, uma força atravessava suas entranhas. Queriam mais do que qualquer coisa, estarem juntas.

Quando perceberam, estavam ali, a sós, depois de uma garrafa de whisky, deitadas uma sobre o corpo da outra. Eu te amo. Mas é mais do que isso, eu quero estar dentro de você. Eu não quero sair de dentro de você. Aquelas poderiam não ser palavras românticas, mas era o mais verdadeiro que ela conseguia dizer sobre aquele momento, sobre aquela mulher que está ali deitada sobre seu corpo. Cabelos ruivos, pele clara, olhos cor de mel, "[...] de corpo flexível, estranho, sinuoso que nem cobra e fogoso como os olhos: um fogaréu vivo ambulante" (BUKOWSKI, 2007, p. 4). Elas gozaram mais uma vez. Ela levantou-se, vestiu sua camiseta e sua calça jeans e foi embora. Era verdade que ela amava aquela mulher que conhecera naquela mesma noite. Talvez não a amasse como dizem que as pessoas devem ser amadas, mas ela a amava, a amava tanto que desejava mais do que nunca estar dentro dela.

As pessoas falam de amor como se ele fosse um ideal. As pessoas não dizem que o amor também machuca. As pessoas fingem como se o amor deixasse o mundo mais lindo. Elas não falam que mesmo quando amamos, o mundo continua cruel. Um homem estrangula uma criança, uma filha espanca sua mãe idosa, o cheiro podre das ruas da Filadélfia invade os apartamentos e torna o ar quase irrespirável. "[...] há tamanha solidão no mundo, que você pode vê-la no movimento lento dos braços de um relógio pessoas tão cansadas mutiladas tanto pelo amor como pelo desamor [...]" (BUKOWSKI, 2015, p. 159).

É verdade que ela a amava, mas ela sabia, ela sabia que devia deixá-la ir embora. Justamente porque ela amara. O amor é como uma névoa, a neblina que surge ao amanhecer

e que rapidamente desaparece com o nascer do dia. O amor se esvai quando a realidade rompe. E ela devia deixá-la ir embora. Deitada sobre sua cama, ainda excitada, olhava-a vestir a calça *jeans*, jogar a camiseta branca sobre seu corpo de tal maneira que seus peitos, ainda acesos, deixavam-se transparecer. Ela a observava em todos os detalhes. Ela tinha de deixá-la ir embora. Ela sabia que nunca mais a veria.

E apesar das mortes, apesar da crueldade, apesar do cheiro podre das cidades, apesar das feridas, apesar dos velhos jogados em quartos de hotéis baratos, de alguma maneira ela ainda acreditava, ele ainda acreditava em algo que mantinha escondido em seu peito. E por mais garrafas de *whisky* que ela bebesse e por mais maços de cigarro que ela engolisse para dentro de seu pulmão, algo existia. Ainda existia algo que fizesse com que ela a deixasse ir embora. Algo que não a deixaria dizer "não".

## O esboço de uma dança inacabada

Dia 1

Rrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrruído. Cansaço. Grilos. Bocejo. Cansaço. Sonhos. Não quero acordar, sonhava que estava nadando, não quero acordar, quero nadar. Ruídos. Braços dançando na água. Barulho. Despertador.

Dia 24

Cansaço. Sapatos de salto, porque eles? Dor, aaaaaaaaaaaaaah, aaiiiiiiiii. Sono. Vestido. Maquiagem. Nojo.

Dia 60

Hoje estou levitando, encontrei um amor antigo. Meu corpo treme, meu estômago dói, minha pele sua. Felicidade? Aquelas árvores parecem o esboço de um leão dormindo e aquelas outras, de algodão… ai que fome, algodão doce, que saudades, lembra a minha infância, quando o moço vendia e tinha umas máscaras coladas ou então balões de várias cores e rosa aaaaah rosa era o meu preferido e. Como eu cheguei até aqui? Aquelas árvores, ah, árvores de algodão, parecem mais nuvens brotando para o céu. Ah, como é bom estar viva.

Dia 123

Vermelho é a cor do inferno e do sangue.

Dia 300

Juro que tentei te entender, mas eu só gosto de ter raiva. Arrepios. Nojo. Fraca é o que eu sou, fraca. E quem eu sou? Uma vagabunda que precisa da cocaína para existir. Queria

pegar o trem da felicidade para aquele caminho, sabe? Aquele da música do Raul Seixas. Ah esse bando de música feliz. Nojo.

Dia 301

Desejo intenso.

Dia 330

Aquela rachadura na parede quase formava um pica-pau. Estava lá desde a minha infância. Mas passaram massa corrida pra consertar. Estragaram o pica-pau e metade das minhas lembranças.

Dia 500

Rodoviárias são os lugares estranhos. A maioria está de passagem, alguns permanecem. Como vivem esses que não tem lugar? Um homem, mulher? O que importa? Mas caminha, de um lado para o outro feito louco, conversa, conversa, as pessoas se afastam. Como vivem esses que não tem lugar? Um homem se aproxima, recuo, puxa assunto, me afasto. Medo, receio. Sem dentes. Não cuida? Não tem dinheiro? Não se preocupa? Medo. Desconstrução. Caminhoneiro. Pré-conceito. Desconstrução. Me mostra foto das filhas, da esposa, da neta. Desconstrução. Pensamento. O que teria para me dizer um homem sem dentes? Muito.

## Traços, esboços, corpos: todos querem dançar

Talvez não seja apenas como testemunha que a Psicologia se faz presente neste esboço, que vem se tornando corpo e um trabalho de pesquisa, com sorte, possivelmente inacabado. Trata-se sim, de testemunhar, de fazer ver, mas trata-se também de lutar por um direito de existir, lutar pela pluralidade existencial, trata-se de advogar. Mas antes de lutar por algo, é preciso ter conhecimento deste algo, antes de lutar para dar voz, é preciso reconhecer a voz.

A Psicologia passa do modo testemunha ao modo advogada, mas ainda não está satisfeita, pois ela não quer fazer nada por alguém ou algo e sim fazer com. Nesse sentido, o que se busca ainda, é compreender de que maneira as existências conseguem se colocar legitimamente. Um ensaio de uma resposta é justamente que a resposta não está na procura de provas para comprovar o fundamento das existências. Mas sim de reduzir, no sentido mais oposto da palavra, um suspiro, um gesto, um desenho inacabado, uma voz sem som, uma nuvem sem forma. Trata-se de dar alma às existências, nem que seja para existir e resistir, como o nada. A alma envolve a distinção entre a realidade e suas virtualidades,

"atribuir uma alma é aumentar uma existência; é a generosidade da leitura, da visão, da emoção de ver mais ou com mais intensidades, de ver, em certas realidades, a presença de uma alma" (LAPOUJADE, 2017, p. 69).

Atribuir alma não é algo fácil, pois o mundo das almas é muito instável e fraco e isso é usualmente considerado como ruim. Mas o silêncio pode vir a compor uma música, um desenho inacabado por nunca ser finalizado ou pode tornar-se uma obra de arte. Um mosquito morto dentro de uma página de um livro pode ser apenas um mosquito. Um ser que resistiu e lutou contra a morte pode ser uma história, uma ficção. Atribuir alma envolve ultrapassar a si mesmo, ou melhor, adentrar nos múltiplos modos de existência e trazê-los para si. Envolve um transbordar-se e descolar-se do universo das certezas. Envolve possuir tudo e todos, multiplicar-se, transmutar-se, não caber em si e compreender as novas dimensões de si ao invés de caminhar para uma suposta essência. Trata-se de compreender o caráter caleidoscópico das existências e do mundo e lutar por elas e com elas, ver por onde elas veem, carregá-las assim como elas nos carregam, compartilhar com elas, a mesma causa. Trata-se de tomar partido.

## Referências

ARTAUD, Antonin. *In:* WILLER, Cláudio. **Os escritos de Antonin Atraud**. Porto Alegre: L& PM Editores, v. 5, 1986. p. 131-162.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Marcia Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUKOWSKI, Charles. **Crônica de um amor louco**. Tradução de Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L& PM Editores, 2007.

BUKOWSKI, Charles. **O amor é um cão dos diabos**. Tradução de Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L& PM Editores, 2015.

COSTA, Luciano Bedin. **Estratégias biográficas:** o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

COSTA, Cristiano Bedin. Pesquisa biografemática como ato de criação de uma vida estrangeira em educação. **Revista do Difere**. [*s.l.*], v. 1, n. 1, jun. 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed 34, v. 1, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado (*org*.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In*: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica***:* cartografias do desejo. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

NEGRI, Antonin. **Exílio**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital:** ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** *Denise Nobre de Oliveira*

**Submetido em 20/02/2019** **Aprovado em 10/04/2020**

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)